

LINHAGEM, TERRITÓRIO E MEMÓRIA NA IDADE MÉDIA: O EXEMPLO DO ROMANCE *MELUSINA*

Flávia Aparecida Amaral*

Resumo

A literatura, se analisada com o devido cuidado, nos fornece importantes e ricas informações sobre aspectos do poder e de sua atuação nas entrelinhas de episódios aparentemente inférteis para a análise de temas que estão longe dos mais comuns em relação à literatura medieval como, por exemplo, o imaginário, as mentalidades, e amor cortês. O objetivo deste texto é abordar algumas problemáticas acerca da linhagem, privilegiando como testemunho histórico o *Romance de Melusina ou a História dos Lusignan*. A linhagem aparece, nesse texto, como elemento constitutivo primordial para a elaboração das relações de poder que envolvem os descendentes de Melusina, estando ligada ao território, à identidade e à memória. A análise, a partir de uma metodologia apropriada, pretende estabelecer conexões entre a fonte, a sociedade e o contexto no qual a narrativa foi produzida.

Palavras-chave: *Romance de Melusina*; Lusignan; linhagem; poder; literatura medieval.

Abstract

The literature, if analyzed with its due property, gives us rich and important information about aspects of power and how it acts in between the lines of episodes that, seemingly are unexpressive to the analysis of themes that are faraway of most common ones in relation to medieval literature, as for instance, imaginary, mentality and the courtly love. The aim of this text is to approach some problems about lineage, privileging as historical testimony the *Romance of Melusina or The History of the Lusignan*. The lineage appears, within this text, as a primordial constitutive element for the elaboration of the power relations that involves the descendents of Melusina, being connected to the territory, to the identity and memory. The analysis, based on a proper methodology, intends to establish connections between the source, society, and the context in which the narrative was produced.

Keywords: *Romance of Melusina*; Lusignan; lineage; power; medieval literature.

1 – O *Romance de Melusina*, a literatura e a história

O *Romance de Melusina* ou a *História dos Lusignan*¹ narra a forma como uma fada,

* Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo. Mestre em História Social pela mesma universidade. flaviaamaral@usp.br. Rua Nova Friburgo, n 1140. Belo Horizonte, Minas Gerais. (31) 3462-8814. Esse texto é parte da minha dissertação de mestrado, defendida em 2007 na Universidade de São Paulo: *Romance de Meusina: linhagem, penitência e poder*. FFLCH/USP. 2007.

Melusina, fundou uma fortaleza e deu origem a uma nobre linhagem, os Lusignan. Melusina se transformava em serpente da cintura para baixo todos os sábados, devido a uma maldição da qual ela só seria liberta, casando-se com um homem que jamais soubesse desse castigo. Esse romance fora encomendado por um dos maiores mecenas do século XIV: João de Berry, duque e príncipe francês.

João d'Arras, um livreiro e encadernador, estava a serviço desse homem. João de Berry encomendou-lhe uma narrativa que contasse de que forma havia sido fundada a fortaleza de Lusignan que, naquela época, estava sob domínio do duque. D'Arras teve à sua disposição toda a biblioteca de Berry, além de várias crônicas as quais ele chama de "autênticas", que teria recebido de João de Salisbury².

O principal objetivo do romance é dar a conhecer a história de uma família poderosa na França desde o século XI: os Lusignan³. O *Romance de Melusina ou a Nobre História dos Lusignan* assume a responsabilidade de informar a origem dessa linhagem e de seu poder. O romance recebe uma pressão não apenas do mecenato, mas também da história de fato vivida pelos Lusignan. É por isso que D'Arras ajusta alguns eventos históricos ao romance como a ida dos Lusignan ao Oriente e o incêndio na abadia de Maillezais provocado por Godofredo de Lusignan.

O *Romance de Melusina* foi parte das estratégias do duque João de Berry, para tornar legítimo seu poder na região francesa do Poitou, no final do século XIV, conforme as análises de diversos autores (AUTRAND, 2000. HARF-LANCNER in: COUDRETTE, 1993 e VINCESINI, 2003). Para Vincensini, d'Arras ofereceu ao príncipe uma memória. Memória para seu castelo e para si próprio. Os senhores de Luxemburgo eram tidos como descendentes de Melusina. Bonne de Luxemburgo, mãe de João de Berry, era aquela que o ligava à história dos Lusignan. "O livro é ao mesmo tempo testemunho da memória principesca e instrumento

¹ O *Romance de Melusina* a ser analisado nesse texto é o escrito por João d'Arras em 1392, a pedido do duque João de Berry. Dez anos mais, outro nobre, Guilherme l'Archevêque encomenda a Coudrette a mesma história, que recebe título idêntico, sendo dessa vez, escrita em versos. Ambos os romances foram traduzidos para diversas línguas ao longo dos séculos XV e XVI: inglês, flamengo, tcheco e espanhol. O romance de João d'Arras foi o primeiro livro ilustrado impresso em francês na cidade de Genebra em 1478, tendo conhecido 22 edições entre 1478 e 1597. Em 1520 aparecem dois romances baseados no de João d'Arras: um de título *Romance de Melusina* e outro romance de nome *Godofredo, o Dentuço*. Menções à Melusina tal como aparecem no romance de d'Arras serão feitas em vários escritos dos séculos subsequentes (Cf. LADURIE, e LE GOFF, 1971: 600.). Essa história tornou-se amplamente conhecida e a ligação entre Melusina e os Lusignan parece ter sido muito bem tecida nesses escritos.

² Guilherme de Montagu, cavaleiro da *Ordem da Estrela* criada por João, o bom e marido de Elizabeth Monfort.

³ Guy de Lusignan, em 1186, havia se tornado rei de Jerusalém. Na ilha de Chipre o domínio dessa linhagem perdurou até o final do século XV. Na França, porém, os Lusignan haviam se extinguido logo no início do século XIV: em 1308 Felipe, o Belo, anexava à Coroa o condado de La Marche e a fortaleza dos Lusignan.

político social de sua verdade.”(VINCENSINI, 2003: 23.), na opinião de Vincensini⁴.

Assim, buscava-se, na origem mítica, uma forma de enaltecer e legitimar o poder. Evoquemos, no entanto, os limites das pressões sofridas pelo *Romance de Melusina*. Amaury Chauou em seu livro “A ideologia plantageneta” buscou demonstrar como a partir de vários escritos, que remontavam ao rei Artur como ancestral da realeza britânica, pôde-se construir uma verdadeira ideologia plantageneta que proferia uma propaganda com o objetivo de assegurar o poder da dinastia.

Chauou utiliza várias obras literárias em sua análise e não deixa de lembrar que “as obras literárias têm sua existência própria, elas possuem uma dimensão de ‘prazer do texto’ que em nenhum caso é determinado pela política ou pela história”. (CHAOU, 2001: 25), lembrando ainda que o conteúdo dessas histórias não pode ser visto somente como reflexo da época.

Nessa medida, a possibilidade do uso dessas obras literárias como fonte histórica esbarra em um fator dado pela especificidade daquele texto. Mas ainda que o conteúdo obedeça a um ritmo, influências e estratégias narrativas que devam ser consideradas, o texto literário medieval oferece suporte para ricas e profícuas reflexões históricas. Cabe ainda ressaltar a extrema peculiaridade desse tipo de texto em relação ao que temos como literatura nos dias de hoje. De fato, naquele período mesmo a noção de autoria deve ser questionada (Cf. ZIMMERMANN, (org.).2001.). O desejo de uma certa liberdade de discurso, ou a extrema valorização do autor em relação à sua subjetividade são questões a serem repensadas ao lidarmos com um texto medieval. O regime de verdade desses textos também deve ser levado em consideração na medida em que as noções de ficção e realidade eram bem diferentes da moderna. Dessa forma, os parâmetros metodológicos para a análise da literatura medieval devem ser específicos. Não se trata de buscar um reflexo do vivido dos homens nesses textos, mas tentar considerar como podemos realizar uma abordagem histórica dando conta das variadas estratégias narrativas desses autores. No caso do *Romance de Melusina* tal cuidado se faz ainda mais necessário, porquanto para João d’Arras a história que ele escrevia correspondia à verdade, pois ele usou “crônicas autênticas” e tentou conhecer a “verdade exata” dos fatos relacionados àquela história.

⁴ Dessa forma, também se explica o interesse de Guilherme I’Archeveque pela história de Melusina. (Cf. nota 1) Laurence Harf-Lancner afirma que estabelecer um parentesco com Melusina, da mesma forma como havia feito um grande senhor, João de Berry, serviria para enaltecer de forma gloriosa o poder de Guilherme. “Não há rei mais nobre do que o rei da França; ora o senhor de Parthenay é seu primo da parte de sua mãe, e da parte de seu pai, ele é parente do rei de Chipre e da Armênia e da nobre linhagem da fada Melusina.”(COUDRETTE, 1993.)

Nesse texto, será discutida a idéia de linhagem, de suma importância para a configuração da história que se dá em torno dos Lusignan, cujo poder e glória devem ser exaltados no romance. Pretende-se esclarecer as relações que o autor estabelece entre linhagem, a idéia de transmissão, à questão do território e da memória. Todos esses elementos, associados à linhagem, concorrem para o objetivo do autor em narrar tal história, estando sutilmente relacionados ao contexto de composição da obra, já que seu patrocinador procurava através do romance, estabelecer exatamente uma memória para o território que tentava manter sob seu domínio.

1.1 – Linhagem e território

O título *La noble histoire des Lusignan* aponta para um dos principais compromissos da obra, que dá à narrativa um caráter eminentemente laudatório, atestando o compromisso em louvar a linhagem dos Lusignan. D'Arras informa que vai contar sobre a fundação do castelo de Lusignan e sobre a “noble ligne” que veio de Melusina. Os vocábulos referentes à linhagem aparecem desde as primeiras páginas do romance⁵.

A seguir, veremos que, em alguns episódios, existe uma relação de proximidade estabelecida entre Melusina, seus descendentes e Raimundo, com a questão territorial.

No início de sua narrativa, D'Arras faz essa associação, que é bem tecida ao longo do romance. “(...) vos contarei como uma fada fundou a nobre e poderosa fortaleza de Lusignan, no Poitou. (...) E eu vos darei também a conhecer a nobre linhagem provinda da fundadora dessa fortaleza”⁶ (D'ARRAS, 2003: 118) . A construção da fortaleza e sua própria nobreza parecem se confundir com a da linhagem, que também tem sua origem em Melusina.

Contar a história da fundação do castelo parece ser, inicialmente, o objetivo principal do autor que, após narrar a história dos pais de Melusina, e como esta havia sido punida por sua mãe, declara: “agora vou narrar a história verídica das maravilhas do nobre castelo de Lusignan e das circunstâncias de sua fundação”⁷ (Idem: 138) . Mas, logo em seguida, a

⁵ Cabe aqui ressaltar a incoerência histórica em se utilizar o termo “família” para o período medieval. Ao longo do texto tentaremos mostrar que as relações de parentesco no período medieval eram bem mais complexas, não sendo possível estabelecer uma semelhança nítida entre o núcleo familiar dos tempos modernos e o que os medievais tinham por “parentes” naquela época. Dessa forma, o termo linhagem é mais apropriado em se tratando daquele período.

⁶ As citações no corpo do texto são uma tradução livre do texto em francês antigo, publicado em 2003. Nas notas serão transcritas as passagens originais: “je vous entend a traicter comment la noble et puissant forteresse de Lusignen en Poitou fu fondee par une faee (...) Et me orréz declairer la noble ligne qui en est yssue.”

⁷ “si vous vueilles desormais commencer la vreye histoire des merveilles du noble chastel de Lisignen en Poitou et comment ne par quel maniere il fut fondéz.”

narrativa passa a tratar dos eventos que levaram Raimundo e Melusina a se conhecerem e se casarem. É só depois do casamento que a fortaleza pode ser de fato fundada, sobre cuja construção, d'Arras exclama: “A grandiosidade e o poder da fortaleza eram maravilhosas! (...) E logo a dama se instala em sua fortaleza”⁸ (Idem: 214). Depois da fundação do castelo, a linhagem pôde ter início; linhagem tão poderosa e tão prodigiosa quanto o castelo que a abrigava.

Construída a fortaleza é hora de ocupá-la. O castelo não faria sentido sem seus senhores. Após a festa que se segue à fundação de Lusignan, nasce o primeiro filho de Melusina e Raimundo, Uriã. Logo em seguida, porém, Raimundo parte para recuperar as terras que haviam pertencido a seu pai. Lusignan torna-se o centro irradiador de cavaleiros que irão estabelecer a justiça, conquistar terras, fazer riqueza, ou seja, todas atitudes dignas de uma “noble ligne”. É como se a segurança dada por aquela construção magnífica, fosse a base das ações de todos eles. Obviamente, tal segurança vem da figura de Melusina, ela própria é a responsável pela construção digna de abrigar pessoas daquela qualidade. Pessoas como o primogênito Uriã, que nasceu com um rosto largo e muito curto, com um olho vermelho e outro azul esverdeado, características tão espantosas como a própria construção de Lusignan: “Sabeis que o conde de Poitiers, todos os nobres da região e o povo humilde ficaram atônitos com o pouco tempo que foi necessário para terminar uma construção daquelas”.⁹ (D'ARRAS, 2003: 214)

A escolha do nome do castelo é outro episódio que revela esta associação. Melusina se reúne com os barões do Poitou e com “muitos outros nobres de várias origens”¹⁰ (D'ARRAS, 2003: 216) para escolher o nome da fortaleza. “Senhores, disse Melusina, eu vos reuni aqui para ter vosso conselho: que nome dar a essa fortaleza para que sempre se guarde na memória as extraordinárias e fabulosas circunstâncias de sua fundação?”¹¹ (Idem). O conde de Poitiers lhe responde que como ela fora a responsável pela construção da maior e mais poderosa fortaleza que ele já havia visto, nada mais justo que a fortaleza tivesse o nome de Melusina¹².

⁸ “Moult fu la forteresse grant et fort a merveilles. (...) Et lors la dame se loga dedans sa forteresse”.

⁹ “Et sachiéz que le conte de Poitiers et tuit ly noble et les menuz peuples du paÿs furent tous esbahiz comment si grant ouvrage pouoit estre en si pou de temps faiz ne achevéz.”

¹⁰ “(...) plusieurs autres nobles de plusieurs nacions”.

¹¹ “Seigneurs, dist Melusigne, je vous ay cy assemblez pour avoir vostre conseil comment elle a esté fondee merveilleusement et aventureusement”.

¹² Não há clareza na explicação de d'Arras acerca da relação entre o nome de Melusina e o nome dado à fortaleza: “primeiramente porque vós vos chamais Melusina da Escócia, ora, Escócia em grego quer dizer ‘coisa que não falta’ e em segundo lugar porque Melusina quer dizer ‘maravilhas’ ou ‘maravilhosa’, ora foi bem de uma maneira maravilhosa que esta praça foi fundada.” “(...) ce nom lui affiert tresbien pour deux cas, car vous estes nommee Melusigne d’Albanie et ‘Albanie’ en gregois vault autant a dire comme ‘chose qui ne falt’ e Melusigne vault autant a dire ‘merveilles’ et ‘merveilleuse’. Et aussi ceste place est fondee

Ela decide então dar o nome à fortaleza de Lusignan, o que foi bem aceito por todos. Melusina funda a fortaleza que dará o nome à linhagem, a qual ela também origina. Nesse episódio, há o testemunho coletivo do início da linhagem, da fortaleza que abriga sua memória e da identidade extraordinária de ambas.

Assim que D'Arras termina de narrar as façanhas de Raimundo na Bretanha, volta a falar de Lusignan: “(...) Enquanto Raimundo estava na Bretanha, Melusina construiu a cidade de Lusignan e fundou seus muros sobre a rocha viva”¹³. (Idem: 262). Talvez isso explique a atitude de Raimundo que, ao recuperar sua herança, não faz caso dela, dando as terras recuperadas a seu tio e primos. Enquanto ele acerta as contas com seu passado, limpando o nome de seu pai, Melusina se encarrega de garantir sua condição. Só após o encontro com Melusina, a fundação de Lusignan e o início da linhagem é que Raimundo pode voltar onde seu pai havia sido ultrajado, fazer justiça e recuperar as terras que, ao serem doadas, provam a nova condição de Raimundo: não precisando daqueles bens, ele demonstra uma faceta nobre de seu caráter: “os barões não paravam de murmurar: ‘não foi por avareza que este cavaleiro veio a este lugar. Ele arriscou sua vida para reconquistar sua herança. E para ter se desfeito dela tão rápido, é possível que tenha grande riqueza em outro lugar’”¹⁴ (Idem). A segurança que Melusina lhe garantiu com uma construção de tamanho e beleza surpreendentes, realizada em poucos dias, foi condição para que Raimundo seguisse o conselho de sua mulher indo reaver as suas terras. O fato de ele as ter doado demonstra que essa expedição tem o objetivo de limpar o passado de Raimundo, resgatar a honra de sua própria linhagem para que ele estivesse livre para dar origem a um outra. Raimundo faz com que o nome de seu pai volte a ser honrado, resgata a memória de sua linhagem e pacifica os nobres da região. Depois disso ele pode se estabelecer como o senhor de Lusignan: está livre das amarras de seu passado, pronto para construir a história de uma outra linhagem.

Em seu caminho de volta para Lusignan, Raimundo passa pelo Poitou selvagem, repleto de florestas, animais, sem vestígios de ocupação humana. Ele diz: “(...) é uma pena que essas terras não sejam habitadas nem povoadas, pois são muito férteis.”¹⁵ (Idem: 284).

merveilleusement.” Idem, p. 218. Vincensni salienta que Melusina é o anagrama de Lusignan, estando este fato mais claro no francês antigo Melusigne e Lusignen. Este autor ainda lembra que tal passagem está em consonância com a profecia de Presina: “a fortaleza que tu farás e nomearás com teu nome”. “la forteresse que tu feras et nommera de ton nome”. D'ARRAS, 2003: 134-136.

¹³ “(...) entretant que Remondin fu en Bretagne, Melusigne fis bastir la ville de Lusignen et fonder les murs la vive roche”.

¹⁴ “(...) les barons moult fort a murmurer et dirent: ‘Par foy, cil chevalier n’est mie venu pour avarice en ce pays. Il a miss a vie en venture pour conquerre son heritage, quant si toste s’en est dessaisiz, il convient qu’il ait grant richesse ailleurs.’”

¹⁵ “(...) ce grant dommage que cest paÿs n’est habitez et peupléz, car moult y est grasse la contree”.

Esse momento contrasta com o que ocorre em seguida. Ao aproximar-se de Lusignan, Raimundo se sente perdido ao não reconhecer o local por onde passa. Havia uma cidade, muros e uma torre próximos ao castelo – tudo construído por Melusina enquanto ele estava na Bretanha. A linhagem aparece neste momento como inteiramente associada às atividades de construção e de povoamento. Melusina é uma desbravadora de territórios, os quais serão importantes para o aumento do poder da linhagem a que ela dá origem.

Em seguida, a relação construir/povoar é ainda mais nítida. As descrições dos partos de todos os filhos de Melusina se seguem às descrições das suas construções. O tempo de nascimento dos filhos é associado ao tempo das construções. Foi no ano em que nasceu Eudes, por exemplo, que Melusina mandou edificar o castelo e o burgo de Ainele, Vouvent, o burgo e a torre de São Maixent. Em seguida, após o nascimento de Guido, ela mandou construir muitas praças-fortes no Poitou, na Guyenne, o castelo e a cidade de Parthenay, e La Rochelle.

Assim, a cada nascimento, temos notícias de outras construções. Dessa forma, Melusina vai construindo em todo o território francês. A grande fertilidade de Melusina, que no 9º ano de casamento já dava a luz ao seu 7º filho, é comparável àquela vista por Raimundo em relação às terras do Poitou que ia sendo desbravado pelas construções dela. A linhagem que se forma deve estar bem aparada por um vasto território repleto de ricas e poderosas construções.

Os episódios em que os Lusignan estão em Chipre lutando contra os sarracenos também são reveladores dessa relação. D'Arras mostra que, ao lado do sentimento religioso, estava uma profunda identificação com o território de origem dos guerreiros. Quando se refere à luta em geral, de cristãos contra sarracenos, d'Arras emprega normalmente o vocábulo “crestiens”. Mas o excessivo emprego das expressões “noz gens”, “nos gales”, “nostre gent” faz questionar se ele estava se referindo exatamente a todos os cristãos que estavam naquelas batalhas.

Após o encontro da expedição levada pelos filhos de Melusina com os cristãos da Ilha de Rodes, por exemplo, essa diferença fica mais clara. D'Arras diz que os habitantes do monte de Santo André acolheram muito bem a “noz gens”. A expressão “un de noz chevaliers” foi aplicada em Chipre para se referir a um dos cavaleiros poitevinos em meio ao exército cristão, estabelecendo uma diferença entre os cristãos em geral, daqueles vindos com os Lusignan. Quando Guido vai à Armênia encontrar o rei, leva “uma bela tropa de cavaleiros poitevinos

com ele”¹⁶ (D’ARRAS, 2003: 394).

Durante as batalhas no Oriente, os Lusignan se destacam. Não são meros cristãos, que vão lutar contra sarracenos. Quando um cavaleiro vai avisar a chegada da ajuda dos irmãos ao rei diz: “Senhor, (...) lhe trago boas notícias! A flor da cristandade veio vos socorrer. Eles são os dois jovens senhores de Lusignan (...)”.¹⁷(D’ARRAS, 2003: 330) E o grito que se ouvia durante a batalha não era religioso. Uriã grita “Lusignan”, o que é repetido por todo o exército. E na batalha se destacam os barões poitevinos, demonstrando um caráter regional e territorial nessas lutas. Quando ocorre a luta dos cristãos contra diversas autoridades sarracenas, o sultão de Damasco, o emir dos Curdos e o sultão da Barbaria, os gritos de guerra que se ouvem são: “Lusignan!” e “Rodes” de um lado, e “Damasco”, “Bagdá”, “Barbaria” e “Cordes” do outro (Idem: 644.). A questão religiosa é colocada em segundo plano no calor da luta. Cada um espera vencer seu adversário para impor a superioridade de seu território. É interessante que mesmo após se tornar rei de Chipre, Uriã continua a gritar “Lusignan” nas batalhas. E os poitevinos ao ouvirem seu brado “se precipitam sobre os sarracenos e se atiram tão impetuosamente, que os inimigos abandonam o lugar”.¹⁸

Até mesmo os sarracenos reconhecem a preeminência dos cristãos do Poitou naquela luta “Por Maomé (...) esses cristãos que vieram da França são combatentes rudes (...) Se continuarem assim, nos infligirão perdas consideráveis.”¹⁹ (Idem: 410) O bem que Guido e Uriã fizeram em Chipre foi tamanho que os cipriotas “bendissem a hora em que os jovens de Lusignan nasceram e a hora que eles chegaram naquele lugar” (D’ARRAS, 2003: 366).²⁰ Eles também exclamam a respeito de Uriã: “Esse homem é digno de submeter todo o mundo a sua obediência.” (Idem.)²¹

Também nas expedições de Antônio e Renaud de Lusignan pela Europa observa-se a mesma relação entre a linhagem e o território de origem. Os dois irmãos vão ajudar uma nobre, com a qual o rei da Alsácia queria se casar à força. Lá os poitevinos, liderados pelos Lusignan, têm desempenho tão admirável quanto no Oriente: “Pois os poitevinos são valentes e rudes, temíveis e ferozes como o leão, e seus dois senhores tão poderosos que ninguém

¹⁶ “mena Guyon belle chevalerie de Poictevins avec lui”.

¹⁷ “Seigneurs! (...) Je vous apporte bonnes nouvelles! La fleur des crestiens vous vient secours. Ce sont les deux demoisiaux de Lusignan.”

¹⁸ “Atant este vous Poictevins qui leur ruent et se fierent en la presse par telle vertu que les Sarrasins perdent la place”.

¹⁹ “Par Mahon,,(...) ces crestiens qui sont venus de France sont durs et appertes gens d’armes. Se ilz durent gueres, ilz nos porteront grant damage.”

²⁰ “Et beneissoiet l’eure que les enfans de Lusignem furent onques néz et l’eure que ilz estoient arrivéz ou paÿs”.

²¹ “cilz homs est dignes de soubmettre tout le monde em son obeissance.”

ousava enfrentá-los” (Idem: 472).²² São também descritos como salvadores, justiceiros de nobreza sem igual. O escudeiro de Cristina, a nobre desafiada pelo rei da Alsácia lhe diz: “(...) venha ver a flor de toda nobreza e de toda cortesia, que veio de uma região longínqua para defender vossa honra, suas terras e sua gente. Esses são os dois irmãos de Lusignan que vieram vos socorrer do rei da Alsácia e de todas as suas forças, colocando por vós, sua honra e sua vida em perigo.” (Idem: 474)²³ E, como seus irmãos, o grito de guerra de Antônio é “Lusignan”, bradado no momento em que todos os cavaleiros se colocam sob o estandarte azul e prata, as cores de Lusignan, que nesse momento se tornam as cores do Poitou. Mesmas cores da cauda de serpente de Melusina, de acordo com os testemunhos recolhidos por D’Arras.²⁴

Assim como Guido e Uriã, Renaud e Antônio não retornam à sua terra natal e toda a força, bravura e nobreza que os caracterizam, advêm de sua linhagem. Essas passagens, dentro do *Romance de Melusina*, seguem uma fórmula, como aquelas presentes nos contos épicos. No momento de narração desses episódios, o romance torna-se epopéia. (ROBLIN, In: HARFLANCNER, 1985: 247-285.) Os irmãos saem em duplas, havendo uma similitude perfeita entre os episódios. Às aventuras, sucedem ricos casamentos com herdeiras solitárias e desprotegidas, permitindo que a linhagem se estabeleça nos mais diferentes locais. Nesses episódios também estão presentes elementos das canções de gesta, nas quais há a sucessão de vitórias, casamentos e nascimentos de herdeiros, cuja presença no *Romance de Melusina* se dá em uma estrutura quadruplicada. Nas batalhas, os Lusignan estavam sempre em desvantagem numérica, lutavam e venciam inimigos poderosos sendo os responsáveis pela recuperação da justiça e da ordem por onde quer que passassem.

Não pode ser negligenciado o fato de D’Arras dedicar a maior parte do romance à narração dessas aventuras. É necessário que d’Arras deixe bem marcada essa característica de epopéia linhagística dentro do romance. É dessa forma que se demonstra espacialmente o alcance do poderio dos Lusignan. Trata-se, ainda de um recado para os nobres daquela época: aquelas regiões ainda são habitadas por descendentes dos Lusignan, embora nenhum nobre com esse nome ocupe aqueles locais. Todas essas regiões, aliadas ao duque de Berry, aparecem na narrativa com uma extraordinária unidade garantida pelos feitos dos Lusignan. O

²² “Car Poictevins sont for set durs, aspres et fiers comme lyon, et leurs deux seigneurs si puissans que nulz ne les ose attendre”.

²³ “(...) Venéz veoir la fleur de toute noblesce et de toute courtoisie, qui de loingtain paÿs est cy venu combatre pour vostre honneur garder, vostre paÿs et voz gens. Ce sont les deux enfans de Lusegnen qui vous sont venus secourre et garantir du roy d’Ausay et se as puissance, et adventure leur honneur et leur vie pour vous”.

²⁴ Segundo o testemunho de Creswell, a cauda de Melusina, com mais de seis pés de comprimento, era listada de azul e prata.

território se confunde com a linhagem, que, mesmo inexistente naquele momento no Reino da França, ainda tem sua memória garantida pelos territórios que um dia ocuparam.

A narrativa começa com a construção do castelo, local irradiador do poder da linhagem. Dali os Lusignan partem para espalhar a nobreza daquela região para vários lugares. Nessas viagens, o poder dos Lusignan só aumenta e se configura uma rede, cujo centro é o castelo fundado por Melusina. Assim, se constrói espacialmente o poder dos Lusignan, a partir de então inquestionável, para que depois se desenrolem os outros acontecimentos. Mas essa base territorial sólida deve ser estabelecida em primeiro lugar. Aparentemente com uma função menor na obra, essas batalhas ajudam a construir uma imagem irrefutável da nobreza e poderio daquela linhagem, para que os acontecimentos mais importantes possam sobressair, tendo sua função bem nítida dentro da obra. O caráter territorial é importantíssimo para a construção da memória de uma linhagem de existência tão recente, uma vez que a tradição ocupava um papel central na garantia da nobreza, o que explica o fato de vários nobres reclamarem para si uma ancestralidade mítica ou divina²⁵, que quanto mais recuada fosse no tempo, melhor cumpria seu papel.

De acordo com Jean-Marie Pesez, o castelo “deve materializar, tornar sensíveis o lugar e a categoria ocupados por quem o habita e do qual é senhor”. (PESÉZ, In: LE GOFF e SCHMITT, 2002: 153.) É por isso que há uma profusão de qualificativos como “puissant”, “noble” e “merveilleuse” na caracterização da fortaleza, exatamente para que houvesse uma associação entre o castelo de Lusignan e a linhagem que lá se originara. Esse autor ainda afirma que: “o castelo enraíza o poder no solo” e é dele “que vem e pesa a autoridade sobre os habitantes rurais”. (Idem:159.)

Lembremos da relação, no período medieval, entre o poder e a posse terras que teriam constituído a principal riqueza naquela época. De acordo com a análise de Alain Guerreau é inútil pensar a noção de feudalismo, sem considerar o papel da relação de *dominium* nesse sistema. Tal relação social teria sido “construída pela simultaneidade e unidade de dominação sobre os homens e suas terras.” (GUERREAU. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J. C. 2002: 445.) O elemento territorial aparece na análise desse autor como imprescindível para a compreensão das relações de poder existentes no chamado feudalismo, visto que a fixação dos homens à terra era indispensável a seu funcionamento (Cf. GUERREAU, 1980). O *Romance de Melusina*, nesse sentido, ao pretender louvar os Lusignan, utiliza a questão da terra e de sua posse como base para exaltar aquela linhagem.

²⁵ Desde a Alta Idade Média essa questão pode ser observada. Os reis merovíngios diziam-se descendentes de Meroveu, fruto do encontro de uma mortal com o monstro Quinotauro.

A linhagem associada à fortaleza de Lusignan no *Romance de Melusina* deixa bem marcada a questão territorial. O castelo de Lusignan é o centro que irradia o poder dos Lusignan pelo Poitou na medida em que Melusina vai edificando suas construções naquela região. Os filhos que partem levam consigo toda a carga honorífica advinda de sua linhagem, cujo berço é a poderosa fortaleza. Os barões poitevinos, por sua vez, gritam o nome daquela linhagem em guerra, ou poderiam estar gritando o próprio nome da fortaleza, irradiadora de um poder que é por eles reconhecido. Todo o território e toda gente poitevina aparece submetida aos Lusignan, nesse momento.

Segundo d'Arras “por troca, aquisição ou conquista esta fortaleza depois de fundada não ficará por mais de 30 anos nas mãos de alguém que não descenda dos Lusignan em linha paterna ou materna”²⁶ (D'ARRAS, 2003: 810). Ele revela que a perenidade do poder sobre o castelo de Lusignan e sobre aquele território só era permitido àqueles que pertencessem à linhagem de Melusina.

Após a separação de Raimundo e Melusina, em duas situações, é possível ver a mulher: quando a fortaleza vai mudar de dono ou quando algum Lusignan vai morrer. Ainda que tal Lusignan esteja em outras terras, Melusina visita a fortaleza e o local onde se encontra seu descendente. É só aparente o fato daquela fortaleza estar vazia, Melusina se mostra monitora em todo e qualquer processo de conquista e ocupação da fortaleza. As aparições de Melusina estabelecem a ponte entre presente e passado, com a qual o autor pretende ligar o poder dos Lusignan ao duque de Berry. Nos outros “contos melusinianos”²⁷, a mulher serpente-dragão jamais retorna. O *Romance de Melusina*, dessa forma, supera a estrutura, trazendo um novo elemento que nos permite dilatar a compreensão do significado dessa obra. A ligação entre Melusina e aquele território e sua gente é tão marcante no romance, que, quando de sua partida, ela lamenta: “Ah! Terra amena, tu me deste tanta alegria e tanto prazer! Aqui eu encontraria a felicidade, se Deus não quisesse que eu fosse traída.”(Idem: 703)²⁸ Após o desaparecimento dela, era grande a tristeza das pessoas humildes pela perda daquela mulher

²⁶ “depuis qu'elle fu fondee, pour la change, pour acquest ou pour conquest, que la dicte forteresse de Lusegnen ne demoura 30 ans accomplis en main d'ome qui ne feust extraiz dela dessus dicte lignie de par pere ou de mere”.

²⁷ Alguns textos da Idade Média narram histórias que se estruturam da seguinte forma: um mortal, homem ou mulher, encontra um ser sobrenatural e a ele se une. Durante o tempo que está junto, o casal goza de uma união feliz e próspera. Mas sempre ocorre a separação que na maioria das vezes, é causada pela transgressão de um interdito, geralmente imposto pelo ser sobrenatural antes da união. Textos como esses foram produzidos em diferentes locais e épocas, tanto em língua latina, quanto em línguas vernáculas, sendo que elementos diversificados são acrescidos à estrutura básica. Eles foram chamados de “contos melusinianos” pelos autores que, no entanto, divergem quanto à classificação de alguns textos enquanto tais. Cf. LECOUTEUX, (1978); HARF-LANCNER, 1984; VINCENSINI, 1996.

²⁸ “Hee, douce contree, j'ay eu en toy tant de soulas et de recreacion, et y estoit ma beneurté se dieu n'eust consentu que je n'eusse esté ainsi faulsement trahie.”

que lhes havia feito tanto bem. “Então, nas igrejas, nas abadias e nos conventos por ela fundados, tiveram início a recitação de salmos e as vigílias, a celebração de missas em homenagem à dama. Todos sentiam falta dela, grandes e pequenos, nobres e não nobres, e todos muito se lamentavam”.²⁹ (D’ARRAS, 2003: 706)

1.2 – O vocabulário da linhagem: transmissão e identidade

Mas essa não é a única questão a ser abordada em relação à função da linhagem, e os aspectos que ela incorpora no *Romance de Melusina*. A linhagem também deve ser pensada, enquanto um laço de parentesco, para que se possa ter uma compreensão mais completa da própria obra.

O episódio em que Raimundo vai à Bretanha será importante para a compreensão de certas características da linhagem no *Romance de Melusina*. Ao chegar à Bretanha, ele se hospeda na casa de seu tio, que, mesmo sem saber dos laços de parentesco que os uniam, se prontifica a ajudá-lo em tudo o que precisasse. Raimundo revela que havia ido àquele local para recuperar as terras anteriormente pertencentes a seu pai, Hervé de Leon, que foi embora da Bretanha como assassino. Ele pretendia provar na corte do rei que seu pai havia caído em uma armadilha preparada por um nobre invejoso, que acabou ficando com todas as terras de Hervé. Quando fica sabendo a verdade, o tio chora de alegria e a partir de então ele e seus filhos passam a ajudar Raimundo para que a honra de seu pai fosse provada.

O rei propõe uma luta, a fim de que Raimundo prove que está falando a verdade. Quem disputa com ele é o filho de Josselin, o traidor de Hervé. São os filhos, Raimundo e Olivier, portanto, os responsáveis pela resolução de um conflito que envolvera a geração anterior. O caráter linhagístico dessa passagem é bem marcante. Ambas as partes são amparadas pela sua linhagem no momento da luta. “Raimundo partiu para as tendas com seus homens, seu tio e seus primos. (...) Olivier foi para seu palácio com muita gente de sua linhagem e mandou preparar seu equipamento e seu cavalo.”³⁰ (Idem: 250) Visto que a querela a ser resolvida envolve a memória da linhagem, naquele momento, os dois combatentes deveriam estar amparados por seus respectivos consangüíneos.

Cabem, nessa altura, algumas considerações sobre os vocábulos relacionados à

²⁹ “Et lors commença on par abbayes, priorés et eglises qu’elle avoit fondees a dire pseaulmes, vigiles et unniversaires faire por la dame, et fu regrettee de toute le peuple, grant et petit, noble et nonnoble, en faisant plours et lamentacions.”

³⁰ “Remondin s’en va avec ses gens, son oncle et ses cousins, a ses paveillons (...). Olivier vint en son hostel avecques grant foison de ceulxs de son lignaige et faite mettre a point son harnoiz et son cheval”.

linhagem no *Romance de Melusina*. “Ligne” e “lignaige” aparecem como termos intercambiáveis para designar o grupo de consangüíneos³¹. Logo no início da obra, no momento em que Presina castiga as filhas por terem punido o próprio pai, o rei Elinas, ela diz à Melusina que dela viria uma “noble ligne”. Depois fala à Melhor que ela deveria guardar um castelo belo e rico até que alguém de sua linhagem (“de ta ligne”) aparecesse para viver uma grande aventura naquele local. Por fim, Presina diz à Palestina que ela deveria guardar o tesouro do pai até que um cavaleiro de sua linhagem (“de vostre ligne”) tomasse essa riqueza, para conquistar a Terra Santa (D’ARRAS, 2003: 136).

Quando Raimundo havia ido caçar com seu tio, este prevê nas estrelas que, se naquele momento um homem matasse seu senhor, seria o mais poderoso de sua “lignaige” e dele viria uma “noble ligne” (Idem:154). Melusina ao tentar convencer Raimundo a se casar com ela, disse que iria fazer dele o senhor mais poderoso de toda sua “lignaige”.

“Ligne” e “lignaige” aparecem como termos para designar tanto os grupos de consangüíneos que se originam de determinada pessoa, como o grupo de ancestrais de um personagem. Melusina daria origem a uma “ligne” e, no dia de seu casamento, todos querem saber de que “lignaige” ela vinha. De acordo com Anita Guerreau-Jalabert, o termo “lignaige” no período medieval tem uma acepção semelhante à do vocábulo “parenté” (parentela). Ambos são grupos que se ligam por laços de parentesco, embora os laços presentes na linhagem sejam eminentemente consangüíneos, enquanto os laços da parentela contemplam todo um conjunto de pessoas que podem estar ligados por laços de parentesco não só consangüíneos, mas também espirituais³².

Dentro dos estudos do parentesco no período medieval há uma dificuldade em relação à definição precisa do significado de certos vocábulos³³. No *Romance de Melusina* são poucos os vocábulos para se referir às relações de parentesco, pois como vimos, a palavra “gens” é empregada com outros valores. Durante a guerra, Uriã parte com “ses gens”, indicando que

³¹ Da forma como definida por Anita Guerreau-Jalabert, a consangüinidade aparece como um elo entre dois indivíduos estabelecido pelo fato de um descender do outro, ou advindo do reconhecimento de um ancestral comum. GUERREAU-JALABERT, A. “Parentesco”. In: LE GOFF e J. SCHMITT, J. C. 2002: 321-336.

³² O laço de parentesco espiritual, segundo Anita Guerreau-Jalabert, é uma das peculiaridades desenvolvidas no sistema de parentesco do Ocidente Medieval. O parentesco espiritual é bem exemplificada pelo batismo no qual duas pessoas se unem devido à relação espiritual que passa a existir entre elas. O padrinho é o pai espiritual de seu afilhado, porquanto através do sacramento do Batismo torna-se o responsável pelo seu segundo nascimento, o nascimento pelo Espírito. Para a autora, as noções que envolvem este tipo de laço de parentesco estão no bojo das discussões que o período medieval empreendeu acerca de uma hierarquização entre o corpo e o espírito. Tentando estabelecer a superioridade deste, a Igreja promove o aumento da parentela através de tais vínculos que ligavam as pessoas espiritualmente. (Cf. GUERREAU-JALABERT, 2002)

³³ Como observa Cláudia Bovo “Os vocábulos latinos *genus*, *gens*, *línea* e os vocábulos em francês antigo *linage* e *lignée* são muito maleáveis e, conforme o contexto, reportam-se a considerar o conjunto e não o fracionamento da parentela” (BOVO, 2004: 35.)

havia um fator de subordinação, já que aqueles eram os homens que lhe deviam uma obediência militar naquele momento. Em outras ocasiões, d'Arras usa o vocábulo acrescido do possessivo “noz” indicando um pertencimento daquelas pessoas à França, e não a alguma relação de parentesco.

No episódio da luta entre Raimundo e Olivier, temos o emprego do vocábulo “parens”: “le chastellain et ses parents (...). Remondin et ses parens” (D'ARRAS, 2003: 72). Neste momento, o termo “parens” aparece com significado próximo ao de parentela tal como definido por Anita Guerreau-Jalabert: “um grupo solidário que pode agir coletivamente, não somente para se defender, mas também para exercer direitos sobre terras ou cargos transmissíveis”. (GUERREAU-JALABERT, 1998: 83.)

Porém, devido ao excessivo emprego dos termos “ligne” e “lignaige” nesse episódio³⁴, podemos inferir que esse significado se estende ao termo “linhagem” em todo o *Romance de Melusina*: há uma solidariedade e coesão dentro do grupo, uma identidade reconhecível. Em um episódio posterior, Godofredo, o Dentuço, pretende lutar contra alguns homens que cobravam impostos indevidos nas terras de Raimundo. Cláudio, o homem traidor, convoca todos de sua linhagem para lutar a seu lado: “Bons senhores, vós sois todos de minha linhagem e eu da vossa. É então justo que nós nos amemos como primos e amigos”.³⁵ Ainda que Cláudio não explicita o conflito no qual estava envolvido, eles respondem: “Cláudio, gostaríamos que soubésseis que ninguém vos atacará sem que vos ajudemos a defender vosso direito, mesmo contra as linhagens mais poderosas destas terras ou regiões vizinhas.”³⁶ (D'ARRAS, 2003: 586) A consangüinidade, portanto, define a relação entre os personagens e mais: sua própria identidade.

O fato de pertencer à linhagem de Josselin dava àquele grupo consangüíneo determinadas características comuns: Raimundo ao maldizer Olivier exclama: “Ah traidor! Tu és bem digno da falsa progenitura de onde saíste.”³⁷ (Idem: 254) O uso do vocábulo “progeniee”, no lugar de “lignaige” se dá pela necessidade de marcar a transmissão de tal característica pelo sangue: a falsidade de Olivier é característica herdada por toda a linhagem.

Ao perder a disputa para Raimundo, o rei declara Olivier culpado e ele acaba sendo enforcado juntamente com seu pai. Contudo, a linhagem de Josselin deseja se vingar de Raimundo. Um sobrinho de Josselin, após saber do enforcamento, “galopa até a casa onde ele

³⁴ Só nesse episódio, os dois vocábulos aparecem 18 vezes.

³⁵ “Beaulx seigneurs, vous estes tous de mon lignaige et je du vostre. C'est bien raisons que nous nous entr'amons comme cousins et amis”.

³⁶ “Glaude nous voulons bien que vous sachiéz qu'il n'a si grant lignaige en cest paÿs ne marchissant, s'il se prent a vous, que nous ne vous aidons vostre droit a soustenir”. Idem., p. 586.

³⁷ “Haa! Traite, dist Remondin, tu em suiz bien la fausse progeniee dont tu es yssus”.

encontra reunidos todos os membros de sua linhagem”.³⁸ (Idem: 266) Todos desejam vingança. Segundo d’Arras “ (...) um cavaleiro presunçoso, filho do primo germânico de Josselin, toma a palavra em nome de toda a linhagem: nós estamos decididos a matar aquele que nos fez tão grande vergonha e desonra”.³⁹ (Idem) Ao que parece, toda a linhagem é composta de pessoas com características negativas, que acompanhavam Josselin, seu filho, e que ainda estavam presentes nos primos: inveja, avareza, o hábito de tramar emboscadas, etc.

Para convencer a todos em relação à vingança, o sobrinho de Josselin evoca a solidariedade própria da linhagem: “Veremos quem ama Josselin, meu tio, e seu filho Olivier! Deverá provar vingando sua morte.”⁴⁰ (D’ARRAS, 2003: 270) Nesse caso não importa se as ações desse membro da linhagem são consideradas abomináveis por todos: o que interessa é o laço que os une e os impele a lutar. Por outro lado, o fato de eles considerarem como vergonha o estabelecimento da justiça incitado por Raimundo, relaciona-se a todas as características negativas compartilhadas pela linhagem. Para eles, a vergonha chega à sua linhagem não pelos mal feitos de Josselin, mas pela atitude de Raimundo: “Vedes lá, o cavaleiro através do qual a vergonha veio à nossa linhagem!”⁴¹ (Idem: 274)

A linhagem aparece como um grupo coeso de consangüíneos, de identidade marcada, cujas características são transmitidas aos membros. Anita Guerreau-Jalabert define a consangüinidade como regente da “transmissão de bens materiais e simbólicos” (GUERREAU-JALABERT, 2002: 322.). No *Romance de Melusina* esta transmissão de fato aparece no que se refere às linhagens, na transmissão de terras, e de características morais e físicas.

Muito já se discutiu sobre o significado das marcas de nascença que levam os filhos de Melusina e Raimundo⁴². As marcas dos Lusignan são apresentadas ao leitor no momento da narração de seu nascimento.

A história diz que no sétimo ano de seu casamento Melusina deu

³⁸ “cheuvacha tant qu’il vint au recept ou il trouva ceuxl de son lignaige”.

³⁹ “Lors, respondi, pour toute le lignaige, un moult estous chevalier qui fu filz du cousin germain de Josselin: nous sommes tous en voulonté de mettre mort cellui qui nous a fait si grant vitupere et si grant deshonneur”.

⁴⁰ “On verra on qui oncques ama Josselin, mon oncle, ne son filz Olivier. Il devra cy monstrier a vengier leur mort.”

⁴¹ “Veéz vous la le chevalier par qui la honte est avenue a nostre lignaige!”

⁴² Uriã tinha um rosto curto e muito largo, com um olho vermelho e outro azul esverdeado; Eudes uma orelha maior que a outra; Guido tinha os olhos em alturas diferentes; Antônio nasceu com a marca de uma pata de leão na bochecha e, antes que ele completasse oito anos, ela se tornou peluda e com garras afiadas; Renaud possuía somente um olho que enxergava três vezes mais do que um olho normal; Godofredo além de possuir altura e força incomuns, tinha um dente enorme que lhe saía da boca uma polegada; Fromont, que depois se tornaria monge, nasceu com uma pequena mancha no nariz, peluda como uma pele de toupeira e o oitavo filho, Horrível, nasceu com um tamanho assustador e possuía três olhos, um dos quais no meio da testa. Apenas Raimundinho e Teodorico, filhos caçulas de Melusina, não possuíam nenhuma marca corporal estranha.

a luz à sua quinta criança, filho que levou o nome de Renaud. Era a mais bela criança que se podia ver. No entanto, veio para a terra com um único olho, mas um olho tão penetrante que poderia ver os navios sobre o mar ou o que quer que estivesse sobre a terra, três vezes mais longe (...).⁴³ (Idem:393-94)

Como já foi dito, juntamente com os nascimentos são narradas as diversas construções de Melusina:

Naquele ano a dama fez ser construído o castelo e o burgo de Melle, depois edificou Vouvant e Mervent. (...) E no ano seguinte ela teve um filho de nome Guido. Era uma bela criança ainda que tivesse um olho mais alto que o outro. (...) Foi naquele tempo que fundou numerosos e poderosos edifícios sobre as terras que possuía no condado do Poitou e no ducado da Guyenne.⁴⁴ (D'ARRAS, 2003: 290)

Tais marcas de nascença causam espanto em todos que conhecem os irmãos de Lusignan. “Muitos tinham grande espanto do rosto de Antônio e, em verdade, era uma estranha coisa de se ver. O resto de seu corpo, no entanto, tinha tamanha beleza que fazia com que isso fosse esquecido. Além do mais, esta garra não lhe ficava tão mal!”⁴⁵ (Idem: 482) Nota-se ainda que, ao citar as marcas, d'Arras logo em seguida dá destaque à beleza dos filhos de Melusina. Que significado teriam tais marcas? Por que o autor opta por dar tais características físicas aos filhos de Melusina, uma vez que em nenhum dos outros “contos melusinianos” são descritos filhos com características tão discrepantes?

Alguns autores refletiram a esse respeito, sem, no entanto, procurarem realizar uma análise mais acurada da questão⁴⁶. Sylvie Roblin, em um artigo dedicado à figura de Godofredo, o Dentuço (ROBLIN, S. 1985.), afirma que as características físicas dos filhos de Melusina têm relação com a animalidade, e por isso, em sua opinião, a fada teria dado origem a um verdadeiro bestiário. As marcas referem-se à hipertrofia, privação, multiplicação de

⁴³ “Cy nous dist l'ystoire diste que, au .viie. an ensuivant, Melusigne porta le quint enfant et enfanta a son droite terme un filz qui ot a nom Regnault. Nul plus bel enfant ne pouoit on veoir, mais il n'apporta que un oeil sur terre, mais il en veoit si cler qu'il veoit venir par mer les nefes ou par terre autres choses, de trois veues (...)”

⁴⁴ “Cest annee fist la dame faire le chastel et le bourc d'Ainnelle et fist Wavent e Meurvent (...) Et au second an apréz, ot un filz qui fu nomméz Guyon et fu moult bel enfant, mais il ot un oeil plus halt que l'autre”. (...) En ce temps fist fonder maint noble lieu par le pays que ilz avoient es membres de la conté de Poictou et duchie de Guieienne.”

⁴⁵ “Et moult ont grand merveille de la joe Anthoine et, em verité, ce estoit une estrange chose a veoir, mais la grant beauté qui estoit ou remenant de lui faisoit oublier cela, et aussi il ne lui messeoit pas granment”.

⁴⁶ Refiro-me aqui a textos já citados: ao artigo de Sylvie Roblin, à introdução de Jean-Jacques Vincensini na sua edição do *Romance de Melusina* de João d'Arras e à introdução de Laurence Harf-Lancner na edição feita por ele do *Romance de Melusina* de Coudrette. Tais textos tratam em poucas linhas esta questão. Na verdade não há nenhum estudo que discuta exclusivamente este assunto.

órgãos e presença de órgão parasita, sendo o indício da filiação maravilhosa daqueles homens. Para Roblin, é a marca da serpente de sua maldição, assim como os defeitos que são identificados pela tradição às obras supostamente edificadas por Melusina. Trata-se da perturbação física de Melusina projetada nos corpos dos Lusignan. “A serpente deu à luz a um bestiário que repete cotidianamente sua mutação hebdomodária” (Idem: 251.), afirma a autora. O fato de dois filhos de Melusina, Raimundinho e Teodorico, serem poupados das marcas estranhas viria do fato dos dois terem papel pouco significativo na narrativa. Para a autora, essas marcas teriam ainda relação com a função dos personagens: Antônio era marcado com uma pata de leão, dando indícios da sua futura função como rei de Luxemburgo; Fromont, teria a marca da toupeira, que representava seu gosto pelos estudos, além de indicar uma certa renúncia às coisas do mundo, em favor das coisas divinas, prefigurando sua opção por tornar-se monge. Tais marcas ainda, seriam a prova da culpa da fada, que, no entanto, a reabilitavam, pois seus filhos tiveram um destino excepcional.

Jean-Jacques Vincensini interpreta as marcas dos filhos de Melusina como um sinal de mediação entre esse mundo e o além. As distorções nos órgão de percepção (olhos, orelhas) e os traços animais (leão, javali, toupeira) revelariam uma sobre-humanidade desses homens, sendo também sinal de poder e dom particular no domínio da magia. Eles estariam em uma posição intermediária em relação à natureza e ao divino, tanto que os dois extremos, Fromont e Horrível, tiveram de ser eliminados. Este por sua excessiva bestialidade; aquele pelo excesso de proximidade com o divino.

Já para Laurence Harf-Lancner “Os filhos da fada são, (...) afligidos de uma marca monstruosa que assinala seu pertencimento ao outro mundo” (HARF-LANCNER, 1993: 20). Os Lusignan não estariam conformados ao mundo dos homens e as marcas serviriam para advertir a todos dessa condição. A idéia da transmissão relacionada à linhagem parece estar presente, porquanto as marcas, na visão de Harf-Lancner, seriam uma herança física da mãe.

No episódio do casamento de Melusina com Raimundo, todos se ocupam em tentar descobrir a que “ligne” ela pertencia, mostrando o caráter revelador atribuído à linhagem. A idéia de revelação parece ser o motivo principal das marcas dos irmãos de Lusignan⁴⁷. Causam espanto, na verdade, não por terem relação com algo diabólico, mas por revelarem o quão únicos eram aqueles homens. Como afirma Jean-Jacques Vincensini: “Muitos comentadores afirmaram que a suposta proximidade da fada de Lusignan com o demônio não explica as marcas infligidas nos rostos de seus filhos” (VINCENSINI, 2003: 38.). A relação

⁴⁷ Não se pretende aqui preencher a lacuna no que se refere à interpretação dessas marcas. O objetivo é destacar de que forma tais anomalias ligam-se à questão da linhagem.

deles com o maravilhoso ou com o mundo sobrenatural pode não ser suficiente. Talvez fosse um atributo a mais que revelaria a todos a quantidade de poder presente naquela linhagem. Vincensini afirma que Peudo-Calisteno atribuía a Alexandre, o Grande, “um tipo particular de beleza. Cabeleira de leão, um olho preto e outro azul, dentes pontudos como da serpente” (Idem.).

Cristina, herdeira do trono de Luxemburgo, se espantara com a marca de leão no rosto de Antônio e disse: “É uma lástima tais anomalias sobre os rostos de homens tão estimáveis”⁴⁸ (D’ARRAS, 2003: 466). Esta, porém, revela claramente a bravura daquele homem, que é capaz de transmitir até mesmo à sua gente, os poitevinos, tal característica, pois nas palavras de D’Arras naquela luta, aqueles homens se mostraram fortes como o leão. Na época da composição do romance, este animal estava presente nas armas de Luxemburgo, tendo como fundo a cor prateada, a mesma da cauda de Melusina. A marca no rosto de Antônio abre dessa forma uma chave para que interpretemos esse fenômeno, para além da questão do maravilhoso.

Na verdade, não devemos descartar a interpretação de Vincensini, segundo a qual essas marcas revelariam uma relação dos filhos de Melusina com o mundo sobrenatural. Uma relação não tão explicitada, porquanto os cavaleiros de Lusignan não são favorecidos com poderes surpreendentes. Somente Godofredo se envolve em aventuras um tanto fantásticas, já que luta contra gigantes e um cavaleiro misterioso. As marcas, porém, têm o papel de identificar aqueles homens com algo misterioso que não está ao alcance de simples mortais. Como afirma Sylvia Hout, o corpo tem papel importante na construção e manifestação da identidade. (HUOT, 2003.) No caso de Godofredo isso se torna claro, porque, do contrário, como justificar uma atitude de tamanha violência como incendiar uma abadia matando seu próprio irmão? Godofredo sabia que os monges eram devassos, assim como sua mãe. Mas nem mesmo isso seria suficiente para justificar sua atitude. Ele podia ser isso: um vetor da justiça divina, e ser aceito como tal, como alguém que fugia à normalidade e não se submetia às mesmas regras que todos os homens deveriam respeitar. Ao seu dente que lhe saía da boca uma polegada, o acompanhavam outras características que causavam espanto, medo e admiração.

1.3 - Godofredo: identidade e memória dos Lusignan

⁴⁸ “(...) elle se donne grant merveille. Et dist que c’est grant damage quant il a faulte es figures de si nobles hommes”.

Neste suposto bestiário de Melusina, destaca-se a figura de Godofredo. É interessante observar a importância que este personagem assume no romance. Nos outros “contos melusinianos” do medievo, o foco da narrativa é a relação entre o casal, que é definida por dois momentos: o de união e o de separação, intermediados pelo interdito. Tal estrutura está obviamente presente no *Romance de Melusina*, porém, nos chama a atenção o fato de o personagem Godofredo ser baseado em um protagonista de outro “conto melusiniano”: Henno dos Dentes Grandes⁴⁹.

Godofredo, o Dentuço, nos lembra também alguns personagens históricos. Godofredo I de Lusignan (+1216), que tinha reputação de ter sido um guerreiro terrível, foi socorrer os irmãos na Terra Santa assim como o dentuço do romance que vai ao Oriente ajudar Uriã e Guido a manter suas posses. Godofredo II de Lusignan (+1248), cujo grito de guerra era “Deus não existe” (Cf. VINCENSINI, 2003 e HARF-LANCNER, 1993.), havia reivindicado privilégios sobre a abadia a qual posteriormente incendiou, não sem antes matar alguns monges: Maillezais. Acabou sendo excomungado e, em 1233, pediu a absolvição do papa. Esse Godofredo histórico, também possui semelhanças com o do *Romance de Melusina*, uma vez que este, ao saber que seu irmão Fromont havia se tornado monge, incendia a abadia de Maillezais matando os monges e seu irmão.

Godofredo, o Dentuço, é um personagem formado a partir de elementos históricos e literários. Quando de seu nascimento, D’Arras já previne acerca de suas principais características: “Era alto, musculoso, espantosamente vigoroso, audacioso e cruel. Todos os que ouviram falar nele o temiam. E fez grandes maravilhas, como vereis mais tarde”⁵⁰ (D’ARRAS, 2003: 294).

Godofredo se envolve em conflitos que são de certa forma dessemelhantes aos de seus irmãos. Os mais velhos partem aos pares para suas respectivas aventuras. Antes da partida, eles pedem a autorização de seus pais e Melusina prepara tudo o que é necessário para a partida: víveres, dinheiro, cavalos, galeras, armamentos. Godofredo, porém, parte sempre solitário envolvendo-se em aventuras bem diferentes. Seus irmãos estavam interessados em conquistar glória, fama e territórios, buscando aventuras, embora as guerras empreendidas por eles sejam bem justificadas, para que fossem consideradas justas. Já Godofredo é movido pelo desejo de fazer justiça em relação a territórios que os Lusignan já ocupavam. Ele não recebe a

⁴⁹ História narrada em *De nugis curialium* (1181-1194) de Gautier Map. A esposa de Henno, evitava assistir não só o momento da consagração durante a missa, fugindo também bem à asperção de água benta. Um dia ela é atingida pelo padre e voa pelo teto da igreja, desaparecendo para sempre.

⁵⁰ “ci ful grans, haulx et fourniz et fort a merveilles, hardiz et crueulx. Chascun le doubdoit qui ne ouoit parler. Et fist moult de merveilles, ainsi comme vous orrez en l’ystoire”.

ajuda de seus pais e, muitas vezes, não conta sequer com sua aprovação. Quando resolve ir à Irlanda para lutar contra aqueles que cobravam impostos indevidos nas terras de seu pai, Godofredo “deixa seu pai muito aflito com sua partida e escoltado por aproximadamente 500 homens de armas e de 100 alabardeiros, desembarca na Irlanda”⁵¹ (D’ARRAS, 2003: 554). E ao contrário dos irmãos, ele não recebe de Melusina nenhum anel com poderes especiais.⁵²

O destaque de Godofredo em relação a seus irmãos se dá não somente pelas suas ações solitárias, mas também pelo tipo de conflitos nos quais ele se envolve. Roblin observa que os filhos de Melusina realizam o desejo da mãe de entrada no mundo dos homens: combatem pagãos naturais, tornam-se senhores naturais, casam-se com mulheres naturais e sequer usam o anel mágico que Melusina lhes dá. Nada de milagres, magias ou encontros maravilhosos. Mas as aventuras de Godofredo marcariam uma mudança estrutural na narrativa, fugindo à epopéia linhagística e indo de encontro ao SER da narrativa. Enquanto os irmãos cavaleiros vão dar conta da expansão territorial da linhagem a atenção é desviada do acontecimento primordial extraordinário que envolve os Lusignan. Na figura de Godofredo todo o espanto e dúvida suscitados pela história daquela família intrigante retornam a partir de suas aventuras incomuns.

A relação de Godofredo com o mundo sobrenatural fica evidente para a autora quando d’Arras faz a primeira descrição desse personagem na narrativa. O autor já antecipa uma de suas aventuras na qual Godofredo teria lutado com um cavaleiro encantado. Para Roblin, é a partir das aventuras de Godofredo e do caráter peculiar e sobrenatural de sua personalidade que se pode se retornar ao ponto chave do romance: quem é Melusina?

Temos ainda que levar em consideração o papel central de Godofredo na narrativa, porquanto ele é o responsável pela separação de seus pais. Quando ele descobre que seu irmão Fromont se tornou monge, fica furioso e resolve incendiar a abadia. Harf-Lancner observa que

⁵¹ “(...) il prist congié de son pere qui moult en fu doulent et enmena jusques a 500 hommes d’armes et cent arbalestiers. Et s’en vint em Yllande (...)”

⁵² Roblin discute a importância do papel de Godofredo na história dos Lusignan, a partir de uma observação iconográfica. Em um dos manuscritos do *Romance de Melusina*, datado do século XV, há iluminuras que acompanham a narrativa. (Manuscrito Harley: [London, British Library](https://www.bl.uk/manuscripts/FullView.aspx?ref=Harley_MS_4418_f_251v), Harley, 4418, 251 f., v. 1460 (H).) Em uma delas, pode ser vista a imagem do castelo de Lusignan ao centro, tendo Melusina à direita e Godofredo à esquerda. A questão que preocupa a autora é o fato do filho tomar o lugar do pai. Por que Godofredo é privilegiado nessa cena? A partir de então a autora vai desenvolver a idéia de que a figura de Godofredo se assemelha muito àquela do javali que aparece no início do romance e que é o responsável por Raimundo matar seu tio. Durante uma caçada Raimundo, tentando acertar o javali, acaba ferindo mortalmente seu tio, o conde Amauri de Poitiers. Raimundo fica desesperado, se considerando um traidor e miserável. É logo depois desse acontecimento que Raimundo encontra Melusina, dando início à história dos Lusignan. Roblin vê em Godofredo características semelhantes àquelas do javali. Na iluminura, o dente do filho de Melusina era idêntico ao dente do javali. Toda sagacidade, força, brutalidade de Godofredo, são para a autora, características análogas às do javali. Para ela, o primeiro será o duplo humano do javali, o monstro da floresta de Colombiers.

no *Romance de Melusina* escrito por Coudrette, no momento em que Godofredo descobre que seu irmão havia se tornado monge, a associação é clara entre o dentuço e o javali de Colombiers: “Devido à cólera ele se tornou vermelho como o sangue, suava e espumava como um javali” (COUDRETTE, 1993: 95-96.) É após este evento que Raimundo revela a condição de Melusina, ocasionando a separação do casal.

Godofredo é ainda o responsável pela descoberta do passado de sua mãe. Sem a concordância de seus pais ele vai lutar contra um gigante que cobrava impostos nas terras de Raimundo. Na verdade, esse gigante guardava uma gruta na qual estavam enterrados o rei Elinas, seus tesouros e onde havia tabuinhas contando toda a história de como Melusina e suas irmãs haviam se vingado de seu pai, ocasionando a punição que lhes foi dada por Presina. Estas tabuinhas só poderiam ser lidas por alguém que pertencesse à linhagem do rei. O interessante é notar como esse episódio é narrado em concomitância com os acontecimentos em Maillezais. Godofredo vai lutar contra esse gigante e no caminho recebe uma carta informando que seu irmão havia se tornado monge. Ele resolve interromper a viagem. Vai a Maillezais, incendeia a abadia, mata seu irmão e só depois volta para combater o gigante. Enquanto ocorre a luta contra o gigante Grimaldo, Raimundo fica sabendo que Godofredo havia matado o próprio irmão e revela a condição de Melusina, dizendo que ela tinha ligação com seres malignos. A revelação de quem era Melusina foi necessária para que a memória daquela linhagem fosse conhecida, numa relação presente/passado que é suporte da construção identitária da linhagem. De acordo com Vincensini, “O assassinato do gigante Grimaldo é a chave que abre o acesso do clã à sua memória maternal.” (VINCENSINI, 2003:35.). E é Godofredo que assume o papel de revelador dessa memória. Uma memória que dá uma identidade aos Lusignan. Godofredo ficou feliz por saber que descendia daquela linhagem, assim como todos os seus irmãos, quando ele lhes contou. Com a recuperação da memória por Godofredo, com a revelação de Raimundo e a partida de Melusina os irmãos Lusignan puderam saber quem eram, se considerarmos que “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade*.” (LE GOFF, 2003: 469.)

Leroi-Gourhan afirma que a memória é a “base (...) sobre a qual se inscrevem as concatenações dos atos” (LEROI-GOURHAN, 1964-65 apud LE GOFF, In: idem, op. cit.: 422.). No *Romance de Melusina*, percebemos a força presente no ato do descobrimento acerca da história da família de Melusina, que só pôde ocorrer quando a própria natureza da mulher é revelada a todos. Os atos concatenados oferecem uma explicação e um dão sentido à história de Melusina que suscitava tantas dúvidas.

D’Arras se esforça por nos mostrar que as ações de Godofredo provocaram o bem. Seu

aspecto de justiceiro é bem marcado, ao ponto de seu pai tentar lhe esconder, por exemplo, que o gigante cobrava tributos indevidos: “Raimundo foi informado, e ficou muito preocupado, mas não demonstrou por medo que Godofredo ficasse sabendo: temia que o filho fosse lutar contra o gigante. Conhecia sua coragem e sabia que ele não deixaria de ir até lá. Mas o segredo não pôde ser guardado, Godofredo o descobriu”⁵³ (D’ARRAS, 2003: 654). Nada escapa a Godofredo que não só descobre o que está errado, mas também corrige a injustiça e pune os infratores⁵⁴.

É por isso que a própria morte de Fromont deve ser interpretada como um ato de Godofredo que visava o bem de alguma forma. Ao mesmo tempo em que ele pune a devassidão daqueles monges, abre caminho para a grande revelação do romance: quem era Melusina e quem eram os Lusignan. No momento da separação, Melusina afirma que Godofredo teria sido somente um instrumento nas mãos de Deus para a punição daqueles monges. Esse momento é marcante para a definição da grande diferença entre Raimundo, Melusina e seu filho Godofredo. Mãe e filho sabiam de algumas coisas que não estavam ao alcance de todos saber. E eles podiam fazer certas coisas que nem a todos era permitido fazer.⁵⁵

Tanto nesse episódio, quanto nos outros, temos também realçada a condição de Godofredo como o máximo defensor de sua linhagem. Ele não conquista nenhuma terra, seu papel parece ser a manutenção daquilo que os Lusignan já têm em seu poder. Também não se casa; seu estado solitário é mantido até o final, ao contrário de todos os seus irmãos. Fromont, nesse caso, deve ser eliminado por trocar o laço de parentesco que os unia aos Lusignan, por um de outro tipo, o espiritual. A entrada de Fromont no monastério, marcaria a renúncia aos

⁵³ “Nouvelles en vindrent a Remondin, qui moult em fu doulent, mais il n’en mostra nul semblant afin que Gieffroy ne le sceust, pour doubte qu’il n’alast combatre le jayant, car il le sentoit de si grant cuer qu’il ne lairoit point qu’il ‘y alast. Mais il ne pot si celé que Gieffroy ne le sceust! ”

⁵⁴ Vincensini lembra que a figura de Godofredo, bem como seus atos relacionam-se ao comportamento típico de herói indo-europeu tal como apontou Georges Dumézil. (DUMÉZIL, 1968): crime cometido contra os servidores do sagrado, no nosso caso Fromont. Contra um representante dos guerreiros, o que no *Romance de Melusina* seria representado pela morte indigna a qual Godofredo submeteu seu tio, irmão de Raimundo. E, por fim, um crime cometido contra as mulheres, que, no *Romance de Melusina*, estaria também presente, já que Godofredo cometera uma ação que determinou a partida de Melusina. Tal associação entre Godofredo e os heróis indo-europeus, serve para reforçar a idéia de que Godofredo assume papel privilegiado na narrativa, mas não explica o significado e alcance de suas ações, nem de sua função no romance.

⁵⁵ Em outro momento percebe-se a singularidade de Godofredo. Quando Raimundo vê Melusina em forma de serpente por instigação de seu irmão, ele fica furioso e diz: “Por Deus, se eu ouvisse meu coração, vos daria morte vil, mas sou impedido pela lei da natureza, por serdes meu irmão” “Par dieu, se je creoie mon cuer, je vous feroye mourir de male mort, mais raison naturelle me defent pour ce que vous estes mon frere”. (D’ARRAS, 2003: 662) Godofredo, no entanto, ficou sabendo que seu tio levava seu pai a cometer a traição. Por isso, ele o persegue, levando-o à morte. Ele que anteriormente já matara seu irmão, agora mata também seu tio, dando a entender que tal a “lei natural” não se aplicava a ele.

laços consangüíneos, preteridos pelo laço espiritual superior que integraria aquele homem no seio da comunidade monástica. Godofredo o pune, pois sua marca lhe mostrava o pertencimento a uma outra condição, mostrava que ele fazia parte de um grupo diferenciado que deveria estar pronto para honrar o que lhe estava determinado, ou seja, o poder sobre os bens terrenos. É por isso que Godofredo se sente envergonhado, pois Fromont, ao desdenhar sua ligação com a linhagem, unindo-se a outros irmãos, põe em risco a continuidade da linhagem⁵⁶.

Melusina também faz de tudo para defender aquilo a que ela deu origem, pois, antes de ir embora foi capaz de ordenar que seu filho, chamado Horrível, fosse morto. Sua justificativa é a de que “ele faria tanto mal que a perda de 20 mil homens não seria nada em comparação com o estrago que teríeis de deplorar por causa dele. Estais certos de que ele destruiria tudo o que edifiquei, e que a guerra nunca terminaria nas terras de Poitou e Guyenne”.⁵⁷ (D’ARRAS, 2003: 700) As construções de Melusina, ou seja, as marcas que ela deixou naquela região, também deveriam ser defendidas. Godofredo é o maior aliado de sua mãe na defesa do que os Lusignan conquistaram e assim de sua posição. Além disso, Godofredo é o depositário da memória dos Lusignan, já que recupera a memória da linhagem, e abre as portas para a compreensão daquilo que é perseguido por todos na narrativa: quem é Melusina? Como afirma Jacques Le Goff “A oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo” (LE GOFF, 2003: 13.). O *Romance de Melusina* nos mostra a necessidade da tomada de consciência do tempo linhagístico dos Lusignan, ao qual Aron Gurevitch chamaria clânico⁵⁸, para a construção da memória e assim da sua identidade.

Godofredo encarna o desejo linhagístico de poder e glória. No entanto, ele também é o articulador desse processo e talvez por tudo o que lhe foi revelado tenha merecido herdar Lusignan. Este centro difusor de homens de tamanha valentia, que dali levaram suas marcas

⁵⁶ Segundo Segimundo Spina a oposição monge x cavaleiro é um motivo da literatura medieval. No entanto, o autor salienta que o conflito entre esses personagens passa pela seguinte questão: o que vale mais? O amor do monge ou o amor de cavaleiro? (SPINA, 1997). Talvez a questão pudesse ser ampliada: o que vale mais o amor do mundo ou o de Deus? O que é mais importante o espírito ou a carne? Dessa forma tal oposição parece mais conveniente para o conflito que envolve Godofredo e Fromont.

⁵⁷ “il feroit tant de maulx que ce ne seroit pas si grant dommage de la mort de telz 20 mille que de l aperte que on auroit par lui, car certai il destruiroit tout quant j’ay ediffié ne jamais guerre ne fauldroit ou paÿs de Poictou ne de Guyenne”.

⁵⁸ Para este autor ao tempo clânico seria aquele vislumbrado pelas linhagens, remontando suas origens a ancestrais heróicos ou míticos. “Os senhores feudais preocupavam-se com a sua genealogia, fazendo remontar suas origens a antepassados longínquos, na maior parte dos casos figuras gloriosas e célebres, lendárias ou semi-lendárias. Procurando confirmar o prestígio das famílias, recordando a antiguidade das suas origens, a classe dirigente revela a sua atitude em relação ao tempo. O homem poderoso, ilustre, influente, era na Idade Média o homem sobre cujos ombros repousavam numerosas gerações, o homem no qual se tinha acumulado o tempo tribal, que era também o tempo histórico. A história permaneceu durante a Idade Média, a história das velhas famílias e dinastias feudais” (GUREVICH, 1990:131).

para lugares distantes, só poderia estar nas mãos de quem mais sabia o que aquele local significava e mais lutou para que tudo o que foi concedido por Melusina fosse mantido e honrado. Quando se tornou o senhor de Lusignan os moradores do Poitou não deixaram de ficar amedrontados devido a sua brutalidade, “mas estavam enganados, pois ele governou bem e com doçura”⁵⁹ (D’ARRAS, 2003: 736). O emprego do vocábulo *doulcement* por d’Arras contrasta enormemente com o que Godofredo fez durante todo o desenrolar da narrativa. Seu aspecto justiceiro encarnava a força e bravura descomunais como forma de eliminar qualquer incongruência que estivesse presente naquilo que era considerado o correto.

Como afirma Vincensini, o interdito de Melusina e o não conhecimento de sua natureza eram condições para que a linhagem fosse favorecida. Enquanto nada era revelado, foi possível a eles se estabelecerem no Oriente, conquistarem domínios na Europa, tornando-se ricos e poderosos. Quando essas aventuras cessam, no entanto, é hora da verdade ser revelada. Godofredo tem essa responsabilidade, pois não foi suficiente Raimundo ver a mulher em forma de serpente para que houvesse a separação como nos outros “contos melusinianos”. D’Arras impõe a condição de um questionamento mais profundo acerca da natureza de Melusina, que teria que passar necessariamente pela questão da memória. Não era suficiente, saber quem ela era, qual era seu segredo, a sua revelação passava também pela própria identidade dos Lusignan. Assim somos reportados imediatamente para o contexto de composição da obra. João de Berry que era filho da herdeira do trono de Luxemburgo, ou seja, descendente daquele que possuía em seu rosto uma pata de leão, necessitava tornar legítimo seu poder sobre um território que, por várias vezes, quase escapou de suas mãos.

Apesar da configuração espacial e política da França do *Romance de Melusina* ser bem diferente daquela do contexto de composição da narrativa⁶⁰, a relação entre território e linhagem no romance estão de acordo com aquilo que interessava a João de Berry. Trata-se de uma linhagem que se liga a um território para estabelecer a memória deste e provar que João de Berry é seu legítimo senhor, uma vez que ele próprio, enquanto neto do duque de Luxemburgo, é descendente de Melusina.

D’Arras evoca no *Romance de Melusina* uma linhagem cujo poder se liga ao território para construir a legitimidade de um poder que, naquela ocasião, rearranjava-se rumo à supressão dos pequenos domínios senhoriais, à centralização política e união territorial. Neste

⁵⁹ “mais pour neant le doubtent, car ils gouvernera bien et doulcement”.

⁶⁰ No romance, o território francês aparece dominado por senhores de pequenos territórios. Existem espaços a serem desbravados, e o caráter local e territorial do poder é reforçado. Embora a figura do rei seja extremamente honrada e mereça todos os louvores por parte de d’Arras, a questão de um poder mais centralizado não é colocada.

momento de dismantelamento da organização política e territorial, agravado pela guerra e pela peste, d'Arras vai construir uma narrativa, com este argumento, base de um tipo de poder tradicional, para legitimar o poder de Berry. Como apanagista daquele território⁶¹, ele tinha uma ligação com aquela terra muito diferente daquela de Godofredo, o Dentuço, por exemplo, que havia nascido naquela fortaleza e tinha bem definidos os contornos de seu poder sobre aquelas terras e aqueles homens que o aceitavam como senhor. Mas todas essas relações estabelecidas por d'Arras contribuíam, a nosso ver, para revelar a verdade mais importante: João de Berry era o legítimo senhor de Lusignan.

Figura 1 - Representação do mês de março das *Riquíssimas Horas do duque de Berry*. 1416. O castelo de Lusignan. Acima da torre à direita na imagem, vemos Melusina, guardiã de seu castelo e linhagem, voando em forma de dragão.



Fonte: LIMBOURG, J.; LIMBOURG e P.; LIMBOURG, H. *The Très Riches Heures of Jean, Duke of Berry*. New York: George Braziller, 1969. Introdução e legendas por Jean Longnon e Raymond Cazelles. Prefácio de Millard Meiss. p. 4.

⁶¹ Dos domínios reais, algumas porções de terra eram destinadas à doação aos filhos mais novos do rei. Essas terras eram chamadas de apanágios e ficavam sob a responsabilidade do príncipe até sua morte. (Cf. CONTAMINE, 1972. e AUTRAND, 2000.)

Referências Bibliográficas

Fontes primárias:

COUDRETTE. *Le Roman de Mélusine*. Tradução, introdução e notas de Laurence Harf-Lancner. Flammarion: Paris, 1993.

D'ARRAS, João. *Mélusine ou La noble Histoire des Lusignan*. Nova edição crítica após o manuscrito da

Biblioteca do Arsenal, com as variantes de todos os manuscritos. Tradução, apresentação e notas de Jean-

Jacques Vincensini. Paris: Librairie Général Française, 2003.

Obras de referência:

LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2002.

LIMBOURG, J.; LIMBOURG e P.; LIMBOURG, H. *The Très Riches Heures of Jean, Duke of Berry*. New York: George Braziller, 1969. Introdução e legendas por Jean Longnon e Raymond Cazelles. Prefácio de Millard Meiss.

Livros e artigos:

AUTRAND, Françoise. *Jean de Berry. L'art et le pouvoir*. Paris: Fayard, 2000.

BOVO, Cláudia. *Filiação, vassalagem e matrimônio no Tistan de Bérout (século XII)*. Dissertação de

Mestrado apresentada ao departamento de História da Unesp, campus de Franca. Franca, 2004.

CHAOU, Amaury. *L'idéologie Plantagenêt – Royauté arthurienne et monarchie politique dans l'espace*

Plantagenêt (XIIe-XIIIe), PUR, Presses Universitaires de Rennes, 2001.

CONTAMINE, Philippe. *Guerre, état, et société à la fin du Moyen Age – études sur les armées des rois de*

France. 1337-1494. Paris: Mouton, 1972.

DUMÉZIL, G. *Mythe et épopée*. L'idéologie des trois fonctions dans les épopées des peuples indo-européens.

Paris, Gallimard, 1968.

GUERREAU, Alain. *O feudalismo: um horizonte teórico*. Lisboa: Edições 70, 1980.

GUERREAU-JALABERT, Anita . *Caritas y don en la Sociedad Medieval Occidental*. Hispania, n. 204, 2000.

_____. "Les designations des relations et des groupes de parenté en latin médiéval". *Archivum Latinitatis Medii Aevi*, t. 46-47, 1998.

GUREVICH, Aron. *As categorias da cultura medieval*. Lisboa: Editorial Caminho, 1990.

HARF-LANCNER, Laurence. *Les Fées Au Moyen Age - Morgane Et Melusine La Naissance Des Fées*: Champion Honoré, 2000.

HARF-LANCNER, Laurence (org). *Métamorphose et bestiaire fantastique au Moyen Âge*. Paris : École normale supérieure de jeunes filles, 1985.

HUOT, Sylvia. "Dangerous embodiments: Froissart's Harton and Jean d'Arras's Mélusine". *Speculum*, n. 78: 2, 2003, p. 400-420.

LE GOFF, Jacques & LADURIE, Emmanuel Le Roy. "Mélusine maternelle et défricheuse". *Annales E.S.C.*, 26, 1971, p. 587-616. 617-620.

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LECOUTEUX, C. “La stucture des légendes melusiniennes”. *Annales. E.S.C.* , 1978. p. 294-306.
- SPINA, Segimundo. *A Cultura Literária Medieval*. São Paulo: Ateliê, 1997.
- VINCENSINI, Jean-Jacques. *Pensée Mythique et Narrations Medievales*. Paris: H. Champion, 1996.
- ZIMMERMANN, Michel (org.). *Auctor & auctoritas*. Invention et conformisme dans l’écriture médiévale. Paris: École de Chartes, 2001.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz. A ‘literatura’ medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.